

FILOSOFIA, ENSINO E CINEMA

Ícaro San Carlo Máximo Sampaio¹

Resumo

Nosso objetivo neste trabalho é explorar as potencialidades do cinema como uma metodologia interdisciplinar no ensino de filosofia. Uma das características da interdisciplinaridade é essa possibilidade que ela tem de transitar pelas fronteiras que existem entre os saberes. Entretanto, não devemos nos esquecer das dificuldades que se interpõem em nosso caminho, já que nosso sistema se baseia numa especialização cada vez maior do conhecimento. Percebendo a importância do aprofundamento desta questão, a proposta deste estudo é a de explorar o significado (conceito) e a contribuição que o cinema – como meio didático – pode oferecer ao ensino de filosofia, levando em conta as especificidades desta disciplina. Assim, o presente trabalho não está descolado do plano prático. Isto porque, tal como entendemos, o filósofo não pode fugir da forma de vida de seu tempo. Portanto, poder-se-ia dizer que a linguagem do cinema é uma expressão privilegiada e se oferece à reflexão filosófica como meio didático rico e privilegiado o bastante para provocar nos alunos a capacidade de analisar e problematizar diferentes questões de sua existência. Há de se pensar, então, na potência do conceito de cinema. Se a filosofia é uma atividade conceitual, que lida com o pensamento, nossa proposta, então, é começar a pensar os pontos de interlocução entre ambos. Nossa suspeita é a de que, a apropriação que se faz do cinema, muitas vezes, apesar de ser proposta como uma atividade interdisciplinar, é feita de forma impensada e acaba por comprometer o cinema como uma metodologia de ensino. Para que não corramos o risco de inserir o cinema de forma inapropriada nas aulas de filosofia e para que possamos explorar suas potencialidades como uma metodologia de ensino da filosofia, reafirmamos a necessidade de examinar mais detidamente o problema. Explorar, então, as relações entre o ensino de filosofia e o cinema é o objetivo central de nossa comunicação.

Palavras-chave: ensino de filosofia; cinema; interdisciplinaridade; metodologia.

Introdução

Este trabalho faz parte das atividades do projeto “*Filosofia e ensino: a interdisciplinaridade em questão*”, integrado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID². Entre os objetivos elencados e, partindo de uma perspectiva mais ampla, podemos citar a contribuição que este projeto pretende oferecer para a formação de futuros professores enriquecendo as ações acadêmicas que valorizam o magistério. Além disso, um dos focos do projeto é a investigação de novas abordagens e metodologias que busquem valorizar a dimensão didático-pedagógica da filosofia e, com isso, contribuir na formulação de uma proposta didática para o seu

¹Acadêmico do curso de Filosofia (Licenciatura) da Universidade Federal de Goiás e pesquisador do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/CAPES. E-mail: icaroicaro@live.com.pt.

²Trata-se do subprojeto da Faculdade de Filosofia, coordenado pela Prof^ªMs. Carmelita Brito de Freitas Felício e vinculado ao projeto institucional da UFG, com o apoio da CAPES.

ensino. O projeto pretende, também, promover a integração entre o ensino superior e o ensino básico, visando explorar as potencialidades da interdisciplinaridade. No tocante às investigações que deram origem ao presente trabalho, nosso objetivo é pensar a interdisciplinaridade por meio das relações entre o ensino de filosofia e o cinema, explorando suas possibilidades e seus limites. Assim, nossa investigação está centrada na atuação do professor de filosofia, em sala de aula, e o que se busca é explorar o significado (o conceito) e a contribuição que o cinema – como meio didático – pode oferecer para o ensino de filosofia, levando em conta as especificidades da disciplina.

Os objetivos do PIBID favorecem, assim, a inserção dos futuros professores nas salas de aulas da rede pública, permitindo deste modo que sejam experimentadas novas metodologias atravessadas pela interdisciplinaridade, visando à diminuição e o enfrentamento dos problemas no ensino-aprendizagem. Merece destaque, ainda, o fato das relações entre ensino de filosofia e interdisciplinaridade serem, como sabemos, recorrentes nas ideias dos teóricos da educação. Além disso, essas relações são reforçadas por alguns documentos oficiais, tais como as orientações e parâmetros curriculares concebidos no âmbito da política nacional de educação.

Nesse sentido, vale notar que, em decorrência da obrigatoriedade da disciplina de filosofia na educação básica, as orientações curriculares para o ensino médio propõem

por conseguinte, uma reflexão sobre sua especificidade e seus pontos de contato com outras disciplinas, cabendo ressaltar que, a nosso juízo, a filosofia não se insere tão-somente na área de ciências humanas. A compreensão da filosofia como disciplina reforça sem paradoxo, sua vocação transdisciplinar, tendo contato natural com toda ciência que envolva descoberta ou exercite demonstrações, solicitando boa lógica ou reflexão epistemológica (Ministério da Educação, 2006, p. 18).

A necessidade de uma discussão sobre a própria natureza da interdisciplinaridade tem como objetivo, a nosso ver, evitar que as experiências interdisciplinares se tornem engessadas, bem como o fato de que elas não se tornem uma ideia vazia.

Se o nosso propósito é pensar a potência da interdisciplinaridade, seria preciso esclarecer o que estamos entendendo por isso. Atentemo-nos, então, à proposta de Olga Pombo (2004, p. 5): “a interdisciplinaridade designaria o espaço *intermédio*, a posição *intercalar* [...] A minha proposta é, pois, tão simples como isto: partir da compreensão

dos diferentes prefixos [*inter, multi, pluri, trans*] da palavra disciplinaridade, do que eles têm para nos ensinar, das indicações que transportam consigo, na sua etimologia”.

A proposta de Pombo é, a nosso ver, muito esclarecedora. Isto porque, antes de se falar em interdisciplinaridade, há alguma coisa que precisa ser apreendida. Trata-se da própria palavra que está na raiz da interdisciplinaridade, a saber, a disciplina. Recorrendo, então, à “proposta provisória de definição” apresentada por Pombo, a interdisciplinaridade pressupõe falar de “qualquer coisa que tem a ver com as disciplinas. Disciplinas que se pretendem juntar: *multi, pluri*, a ideia é a mesma: juntar muitas, pô-las *lado* uma das outras. Ou então articular, pô-las *inter*, em inter-relação, estabelecer entre elas uma *ação recíproca*” (2004, p. 4; os grifos são da autora).

À luz do exposto e concordando com a proposta de Olga Pombo, acreditamos que, não se deve abandonar a perspectiva de experimentar alternativas no campo da interdisciplinaridade, mesmo sabendo das dificuldades que se interpõem no caminho, já que o nosso regime escolar é todo ele organizado de forma disciplinar. Daí a necessidade de pensar a interdisciplinaridade no âmbito da prática. É no terreno das práticas que importa saber de que modo os outros saberes podem se cruzar com a filosofia no espaço da sala de aula. Uma das potências da interdisciplinaridade é justamente não corroborar com a divisão que a ciência vem afirmando, em que a palavra de ordem é a especialização do conhecimento. Para enfrentar esta realidade que faz com que o conhecimento seja cada vez mais dividido e subdividido, seria necessário saber o que é e de onde vem a especialização do conhecimento. Nesse sentido, Olga Pombo (2006, p. 5-6) interroga:

Ora, o que é a especialização? Uma tendência moderna, exponencial a partir do século XIX. Sabemos que a ciência moderna se constitui pela adoção da metodologia analítica proposta por Galileu e Descartes. Isto é, se constituiu justamente no momento em que adotou uma metodologia que lhe permitia “esquartejar” cada totalidade, cindir o todo em pequenas partes por intermédio de uma análise cada vez mais fina. Ao dividir o todo nas suas partes constitutivas, ao subdividir cada uma dessas partes até aos seus mais ínfimos elementos, a ciência parte do princípio de que, mais tarde, poderá recompor o todo, reconstituir a totalidade.

Percebe-se que a ciência, não consegue mais reconstruir a totalidade. O fato não concordar com a especialização do conhecimento, nos leva a perceber a necessidade de cruzar saberes dentro da sala de aula. A tarefa agora é a de articular, experimentando novas metodologias que se proponham a tal tarefa.

O cinema e o ensino de filosofia: por uma metodologia interdisciplinar

Partindo, então, desta constatação, que as fronteiras do saber que foram criadas adquirirão mais força, e muitas das vezes a tentativa de “abrir” tais fronteiras são falhas. Pensemos, então, como o cinema articula ou não com o ensino de filosofia e em sua potência. Assim como o que ajuda ou impede o diálogo entre os dois saberes.

O cinema como um simples método/técnica de ensino não abre as fronteiras do ensino de filosofia, justamente por não conseguir trabalhar com as especificidades de cada um. E se essa percepção não acontece, torna-se impossível interligá-los. Ou seja, cinema e ensino continuariam separados.

No livro *Ensinar filosofia*, Renata Aspís e Sílvia Gallo, dirigindo-se aos professores para apresentar-lhes uma proposta de pensar filosoficamente o ensino de filosofia, afirmam que:

Como primeiro contato, para começar o curso é interessante que haja uma sensibilização às questões que serão trabalhadas depois...O importante é utilizar recursos imagéticos e textuais que sejam familiares ao universo dos alunos para aproximar a filosofia de suas vidas, para que saibam que o estudo de filosofia está diretamente ligado ao tratamento dos problemas humanos (Aspís; Gallo, 2009, p.75- 76).

Tal como pensamos, é importante desmistificar a tão decantada ideia de que os recursos imagéticos estão desligados dos conteúdos filosóficos e das questões a serem trabalhadas depois. Pretende-se, com esse procedimento, erroneamente, aproximar a filosofia da vida dos alunos. Ocorre que, se o cinema é apresentado aos alunos de forma separada das questões a serem trabalhadas, não se consegue fazer a aproximação entre a filosofia e a vida dos estudantes. Isso não significa, contudo, que o cinema não possa ser utilizado como forma de sensibilização. Aliás, a sensibilização se aproxima bastante da percepção de que a filosofia não se resume à pura racionalidade. Há, com efeito, a presença do elemento afetivo no processo do pensamento filosófico. Mais adiante, voltaremos a tocar nesta questão.

De todo modo, a partir do que vimos e reforçando a hipótese que queremos defender, o modo de mobilizar o cinema para o ensino de filosofia, de forma interdisciplinar, deveria, sempre que possível, levar em conta as várias características do cinema. Ou seja, quanto mais características pudessem entrar nesta relação, mais rico e mais interdisciplinar seria este modo de ensino-aprendizagem. Assim, a forma mais

adequada de perceber quais são as características de determinado objeto é se perguntando o que é este objeto. Nessa direção, interrogamos: o que é o cinema?

O cinema nasceu de uma invenção de dois irmãos, os Lumière. O cinematógrafo, essencial para a ideia de cenas em movimento, foi inicialmente inventado por eles sem nenhuma pretensão artística com a invenção. Podemos afirmar que, com os irmãos Lumière, nasceu a vontade de reproduzir o mundo que nos circunda. Seus filmes tinham um cunho realista por serem compostos de cenas cotidianas. Com cerca de 50 segundos de duração, não tinham roteiros preestabelecidos, eram em preto e branco, mudos e filmados com a câmera fixa. Um exemplo famoso é o filme "*A chegada do trem*".

Felizmente, outras pessoas perceberam que o cinematógrafo não era um simples experimento científico, mas também um instrumento artístico. Este foi o caso do diretor D. W. Griffith, o cineasta responsável pela invenção do cinema clássico. Griffith deu enormes contribuições para a narrativa fílmica, pois foi pioneiro em uma prática muito comum atualmente: desenvolveu seus filmes de modo que o espectador se transportasse para a história narrada, fazendo com que ele se sentisse como parte dela.

David Griffith ainda contribuiu para o cinema, criando “truques” que atualmente ainda são usados, como o *close* e os movimentos de câmera, notáveis em seu filme “*O grande roubo do trem*”. Além de um caráter criativo, seus filmes apresentam um forte caráter moral. Estas características que nasceram com Griffith são reproduzidas até hoje no cinema e já são muito comuns.

Desde a gênese do cinema, percebemos que ele tem múltiplas características. Como se sabe, ele é uma indústria, uma técnica, um instrumento “moralizador”, uma arte que abrange outras artes tais como as artes plásticas, sonoras e figurativas. No livro *Cinema e educação*, Sá (1967, p. 13) afirma: “o cinema é uma arte, uma grande arte. É também uma indústria (...). Além disso, é uma escola de costumes, um instrumento de educação, uma nova técnica a serviço da informação, da ciência e até mesmo da política”.

Júlio Cabrera (2006), por sua vez, percebe que existiram filósofos puramente lógicos e filósofos páticos ou “cinematográficos”. A principal diferença entre os dois tipos de filósofos, em busca da verdade, é que o primeiro grupo problematizava de uma

forma racional e puramente lógica sobre o mundo. Já o segundo grupo, neste processo de compreensão, acabava buscando um elemento afetivo (pático)³. O autor afirma:

(...) Os filósofos ditos “páticos” (ou “cinematográficos”) foram muito mais longe: não se limitaram a tematizar o componente afetivo, mas incluíram na racionalidade como um elemento essencial de acesso ao mundo. O *phatos* deixou de ser um “objeto” de estudo a que se pode aludir exteriormente, para se transformar em uma forma de encaminhamento (Cabrera, 2006, p. 20).

Por meio desta divisão, Cabrera acredita que a filosofia tem sim um elemento “pático” e que isto a aproxima do cinema. A proposta do autor é a criação de conceitos por meio dos filmes.

Um conceito-imagem é instaurado e funciona no contexto de uma experiência que é preciso ter, para que se possa entender e utilizar esse conceito. Por conseguinte, não se trata de um conceito externo, de referência exterior a algo, mas de uma linguagem instauradora que precisa passar por uma experiência para ser plenamente consolidada. Parafraseando Austin, pose-se (ou pode-se?) dizer que o cinema é como um “fazer cosas (ou coisas?) com imagens”. (Cabrera, 2006, p.21).

Cabrera traz uma grande contribuição, quando enfatiza a dimensão “pática” da filosofia, e como isto a aproxima da sétima arte. Entretanto, a criação de conceitos nos filmes atravessa ambos, porém não exploram as muitas outras possibilidades desta relação. A relação entre filosofia e cinema deveria ser pensada, muito além do que somente o ponto de que ambos tem em si elementos “páticos”.

O cinema é um saber que em si mesmo é composto de várias partes. Perceber quais são as partes que o compõem é um fator necessário para pensá-lo como uma metodologia interdisciplinar. A interdisciplinaridade do cinema com o ensino de filosofia seria mais proveitosa se esta reflexão não fosse delimitada a algumas características do cinema, como vem sendo feito. Um bom exemplo disto é a larga aceitação, até mesmo dos professores mais rígidos, da ideia de usar o cinema como um instrumento para a sensibilização dos alunos.

Assim, o modo de mobilizar o cinema para o ensino de filosofia, de uma perspectiva interdisciplinar deveria, sempre que possível, levar em conta as várias características do cinema. Ou seja, conforme apontamos acima, quanto mais características pudessem entrar nesta relação, mais rico e mais interdisciplinar seria este modo de ensino-aprendizagem.

³ Entre os filósofos lógicos, o autor cita Aristóteles, SãoTomas, Bacon, Descartes, Locke, Hume, Kant e Wittgenstein. O outro grupo, constituído por filósofos “páticos”, seriam Schopenhauer, Nietzsche, Kierkegaard e Heidegger.

Entendendo que o cinema é um rico instrumento metodológico, torna-se necessário pensar as mediações interdisciplinares que podem ser feitas nas aulas de filosofia. É nessa direção que, na continuidade desta pesquisa, o que pretendemos é explorar as possibilidades de interação entre o cinema, a filosofia e o seu ensino. Para tanto, não deveríamos engessar a relação entre o cinema e a filosofia, mas sim pensá-la e repensá-la sempre que possível, sejapensando o cinema em sua estrutura, seja como uma escola de costumes ou como uma ilustração, bem como uma forma de sensibilização e outras diversas formas possíveis de “aplicação” do cinema. Qual seria, então, o melhor espaço para tal exercício senão a sala de aula?

O cinema na sala de aula: breve relato de uma experiência

O presente trabalho vem se realizando a partir do cruzamento de dois planos: o teórico e o prático. As atividades práticas vêm sendo desenvolvidas no Colégio Estadual Pré-Universitário por meio de exibições e discussões de filmes em sala de aula e do compartilhamento dessa experiência com alunos, professores e bolsistas do PIBID.

Uma primeira experiência já foi feita e passamos a relatá-la para mostrar de que modo estamos recorrendo à interdisciplinaridade para estabelecer a relação entre ensino de filosofia e cinema. A experiência se deu no âmbito de uma disciplina optativa que os bolsistas do PIBID estão ministrando no Colégio Estadual Pré-Universitário. Trata-se da disciplina de Filosofia Geral e da Educação. A primeira aula foi ministrada com o apoio de um texto célebre de Kant: *Resposta à pergunta: o que é Esclarecimento (Aufklärung)?*. Depois de percorrer e discutir com a turma, conceitos tais como, autonomia, menoridade, maioridade e liberdade, contidos no referido texto, estabelecemos um diálogo com os alunos, ao mesmo tempo em que exibimos trechos do filme *Tropa de elite*.

O dialogo entre o texto e o filme se deu de formas variadas. Em primeiro lugar, foi feito um breve retorno à história do cinema. Logo após, um breve esclarecimento do modo como a estrutura clássica se consolidou. Este primeiro momento foi importante para “conversar” e aproximar os alunos dos conceitos kantianos, uma vez que a característica industrial e estrutural do filme (estrutura clássica) poderia ser contraposta a conceitos como menoridade e maioridade. Vale lembrar que uma das passagens mais conhecidas do texto kantiano foi valiosa e nos ajudou sobremaneira no diálogo com os alunos. Trata-se do seguinte trecho:

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*].

Em um segundo momento, centramos a atenção no modo como este cinema de sensibilização pode limitar nossa liberdade de pensamento. Por fim, foi trabalhada a ideia de que o cinema nos apresenta uma “moral”, uma ideia. Para que o conceito de autonomia se tornasse mais claro, foi elaborada a pergunta: o capitão Nascimento é um herói ou um vilão? O que é digno de nota é que, a primeira reação da grande maioria dos alunos, foi responder que o capitão Nascimento é um herói. Todavia, algum tempo depois, quando foi proposta aos alunos uma avaliação (prova) dos conteúdos ministrados ao longo do mês, a grande maioria respondeu que o capitão Nascimento é um vilão.

O que se pode apreender dessa experiência? Se nossa intenção é investigar formas de atuação do professor em sala de aula que envolva ao mesmo tempo a atividade filosófica e a busca do alargamento da percepção crítica do cinema, pode-se afirmar que, à luz dessa primeira experiência, foi possível, com efeito, mobilizar os alunos para que eles pudessem pensar de forma mais crítica o que, em princípio, eles apresentavam como uma verdade. Isto porque, nas falas dos alunos, o que se sobressaía era precisamente isto: “*Tropa de elite* retrata a realidade do Brasil”.

Finalmente, outros filmes e outras orientações didático-pedagógicas estão colocados no horizonte do nosso trabalho por vir, com o intuito de identificar os limites e as possibilidades de se recorrer ao cinema como metodologia interdisciplinar no ensino de filosofia. De todo modo, à luz dos resultados parciais dessa experiência, bem como do cruzamento dos planos (teórico e prático) que vem orientando nossa investigação, o que vislumbramos é a possibilidade de tornar a aprendizagem da filosofia mais significativa para os jovens estudantes do ensino médio.

Certamente, o diálogo interdisciplinar que mobiliza o cinema como orientação metodológica, poderá ser muito produtivo para aproximar a filosofia dos alunos na perspectiva do aprofundamento da discussão de problemas brasileiros como este, objeto de nossa experiência, que nos remete a pensar filosoficamente o problema da violência em nosso país. Não é por acaso que optamos pelo filme *Tropa de elite* que garantiu o Urso de Ouro no Festival de Berlim de 2008. Como sabemos, sua continuação - *Tropa*

de elite 2 - é o segundo filme mais visto do Brasil. Por detrás deste entretenimento, visto por mais de dez milhões de pessoas, podemos notar a preocupação em apresentar uma ideia/moral para os espectadores.

Mas, o filme, se ele é um entretenimento, ele é também um meio de expressão. Foi isso que os alunos do Colégio Estadual Pré-Universitário revelaram: uma capacidade de expressão que, motivada pela experiência do diálogo da filosofia com o cinema, proporcionou a eles a capacidade de uma compreensão mais crítica da realidade que nos cerca e, sobretudo, outra visão de um filme tão polêmico como o *Tropa de Elite*.

Referências

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Sílvio. *Ensinar filosofia* - um livro para professores. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

CABRERA, J. *O cinema pensa uma introdução à filosofia através dos filmes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CHIROLLET, JEAN-CLAUDE. *Filosofia e sociedade da informação, para uma filosofia fractalista*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?*. Disponível em <http://www.ensinarfilosofia.com.br/__pdfs/e_livros/47.pdf>. Acesso em 02/02/2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / Secretaria de Educação Básica. *Ciências humanas e suas tecnologias / Orientações curriculares para o ensino médio*. Volume 3. Brasília, DF, 2006. Disponível em: http://www.ufrgs.br/forumlic/_Legislacao/_PCN-EM/PCN03.pdf Acesso em 12, dezembro, 2008.

PRADO, Marcos; PADILHA, José; *Tropa de elite*. [Filme-vídeo]. Produção de Marcos Prado e José Padilha, direção de José Padilha. Rio de Janeiro, Universal Pictures do Brasil, 2007. DVD/ 118 min. Color. Son.

POMBO, Olga. *Interdisciplinaridade e integração dos saberes*. Conferência apresentada no Congresso Luso-Brasileiro sobre Epistemologia e Interdisciplinaridade na Pós-Graduação da PUC-RS em junho de 2004. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/porto%20alegre.pdf>. Acesso em 13, novembro, 2010.

SÁ, Irene Tavares: *Cinema e educação*: Agir, 1967.

